

História da ciência e história do livro: O papel da imagem como registro de conhecimentos sobre a natureza e as artes na primeira modernidade

Maria Helena Roxo Beltran

Resumo

Especialmente a partir do início deste século, vem crescendo o interesse de historiadores da ciência na pesquisa de relações entre a generalização do registro de conhecimentos sobre a natureza e as artes em livros impressos e as origens da ciência moderna. No entanto, poucos são os trabalhos que se dedicam ao papel da imagem no registro e transmissão de conhecimentos. Assim, procuraremos aqui contribuir com esse tópico, trazendo para a cena alguns aspectos da transformação da própria função da imagem e suas relações com o texto, no livro manuscrito e no impresso, focalizando particularmente os registros de conhecimentos sobre a natureza e as artes na primeira modernidade.

Palavras-chave

História da ciência; Ciência e *Techné*; História do livro; Imagens; Primeira modernidade

History of science and history of the book: the role of images as records of the knowledge on nature and art in early modern times

Abstract

The interest of historians of science in the relationship between the generalization of the records of the knowledge on nature and art in printed books and the origins of modern science has increased since the beginning of the present century. However, few studies addressed the role of images in the recording and transmission of knowledge. Therefore, in the present article I aim at contributing to that subject, by discussing some aspects of the transformation of the function of images and their relationship with the written text in manuscripts and printed books alike, while paying particular attention to the records of the knowledge on nature and art in early modern times.

Keywords

History of science; Science and *Techné*; History of the book; Images; Early modern times

Introdução

Especialmente a partir do início deste século, vem crescendo o interesse de historiadores da ciência na pesquisa de relações entre a generalização do registro de conhecimentos sobre a natureza e as artes em livros impressos e as origens da ciência moderna. Nesse diálogo entre as áreas interdisciplinares da história da ciência e da história do livro, o papel das imagens e de suas relações com o texto tem sido particularmente abordado nos últimos anos.¹

De fato, o estabelecimento das primeiras prensas na Europa em meados do século XV tem sido considerado como influente fator, quando se levam em conta as transformações socioculturais observadas na primeira modernidade europeia. Entretanto, diferentes visões sobre tal influência têm sido apresentadas por estudiosos da história do livro, como será visto a seguir.

O campo nitidamente interdisciplinar da história do livro tem como um de seus marcos fundamentais o trabalho seminal de L. Febvre e H.-J. Martin *L'apparition du livre*, publicado em 1958, pois a partir desse estudo passou-se a considerar o livro como um objeto que registra relações culturais sociais e econômicas.² De fato, a proposta desses autores pioneiros era considerar o estabelecimento das prensas na Europa, não só como desenvolvimento técnico, mas abordando suas relações culturais, sociais e econômicas. Para esses autores: a história da imprensa dependeria de noções técnicas, econômicas e sociológicas.

É de se notar que Febvre e Martin referem-se à imprensa como uma transformação e não como uma revolução:

“os novos livros [impressos] vão determinar profundas transformações não somente nos hábitos, mas nas condições de trabalho intelectual dos grandes leitores da época, religiosos ou leigos. E, como essas transformações (não falemos de revolução) ultrapassam seu ambiente de origem, vão em breve mostrar seus efeitos no mundo.”³

De fato, para esses autores o livro impresso é visto como uma continuidade dos manuscritos. Com base em características físicas do livro impresso, tais como formato e

¹Vide Maria Helena Roxo Beltran, *Imagens de Magia e de Ciência: Entre o Simbolismo e os Diagramas da Razão* (São Paulo: Educ/Fapesp, 2000); Andrew Hunter, ed., *Thornton & Tully's Scientific Books, Libraries and Collectors: A Study of Bibliography and the Book Trade in Relation to the History of Science* (Aldershot: Ashgate, 2000); Marina Frasca-Spada, & Nick Jardine, *Books and the Sciences in History* (Cambridge: Cambridge University Press, 2000).

²Lucien Febvre, & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*. (São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista/Hucitec, 1992).

³Ibid, 13.

caracteres, acompanham as conclusões de outros estudiosos, especialistas em bibliografia analítica, que observaram a permanência de tais características no livro impresso.

Além disso, Febvre e Martin mostraram que, antes do livro impresso possibilitar a obtenção de cópias idênticas, sem os erros ou intervenções dos copistas, já se utilizava um sistema de controle da fidelidade das cópias: o sistema de *pecia*. Com o surgimento das universidades, entre o final do século XII e início do XIII, intensifica-se a necessidade de cópias manuscritas idênticas, de modo que os estudantes tivessem base para os debates escolásticos. Assim, florescem os *scriptoria* e afirma-se o posto de *stationari*, funcionários que controlavam o processo de cópia, empréstimo e venda de manuscritos, bem como eram responsáveis pela cobrança de taxas por esses serviços. Para garantir a fidelidade das cópias, os *stationarii* mantinham um acervo de manuscritos modelo, os *exemplaria*. Estes eram divididos em alguns cadernos, as *peciae*, a serem emprestados para cópia, agilizando a reprodução dos textos. De acordo com os autores, esse sistema, que garantia o fluxo adequado do número de cópias necessárias, adequou-se ao uso das prensas instaladas na Europa a partir de meados do século XV.⁴

Tais considerações nos levam a entender por que o sistema de impressão era chamado de ‘arte de escrever artificialmente’. De fato, os primeiros livros impressos procuravam manter as características dos manuscritos.

Por outro lado, nos anos 80, os estudos de Elizabeth Eisenstein defendiam outra visão. De acordo com essa autora, a prensa teve um papel revolucionário na cultura europeia, constituindo, por assim dizer, o pivô das outras grandes revoluções dos primórdios da modernidade europeia: renascimento, reforma e revolução científica. Eisenstein, seguindo os passos de M. McLuhan, propôs que todos esses movimentos seriam decorrência de uma transformação radical da ‘cultural escriba’ para a ‘cultura impressa’. Assim, para essa estudiosa, o estabelecimento das prensas na Europa constituiu uma ruptura total com a tradição, e o livro impresso representaria uma inovação sem precedentes. A obra de Eisenstein foi publicada em 1979 e logo passou a ser alvo de críticas, inclusive por historiadores da ciência.⁵

De fato, as diferentes considerações sobre o livro impresso apresentadas de um lado por Febvre e Martin que admitem uma continuidade entre o manuscrito e o livro impresso e, de outro, a visão de Eisenstein sobre o livro impresso como inovação sem precedentes que levaria a profundas transformações culturais na Europa moderna, vêm sendo ponderadas

⁴Ibid, 26-32

⁵Elizabeth Eisenstein, *The Printing Press as an Agent of Change: Communications and Cultural Transformation in Early Modern Europe* (Cambridge: Cambridge University Press, 1979); vide críticas às ideias de Eisenstein em Adrien Johns, *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making* (Chicago: The University of Chicago Press, 1998), 10 *et seq.*, e em Peter F. McNally, ed. *The Advent of Printing: Historians of Science Respond to Elizabeth Eisenstein's The Printing Press as an Agent of Change* (Montreal: Graduate School of Library and Information Studies, McGill University, 1987).

por diversos estudiosos. Assim, por exemplo, A. Johns criticou a ideia de Eiseinstein referente à fixação do texto como consequência direta do aparecimento do livro impresso. Já S. Hindman, estudiosa de manuscritos, defendeu a ideia de Febvre e Martin em relação ao livro impresso como continuidade do manuscrito. Também R. Chartier vem propondo que a passagem do manuscrito para o livro impresso não teria representado uma transformação tão significativa quanto aquela ocorrida na mudança do rolo para o códice.⁶

Porém, foi R. Darnton que propôs um panorama referente à inserção do livro na sociedade capaz de reunir e articular os processos de continuidade e transformação profunda admitidos por diferentes estudiosos do livro, contribuindo para a delimitação dos estudos em história do livro. O livro, para Darnton, envolve um “circuito de comunicações”, centralizado pela “conjuntura econômica e social”, o qual abrange todos os personagens engajados na produção do livro, desde autores e editores, até papelheiros, impressores, encadernadores e livreiros, chegando aos leitores.⁷ É interessante notar que essa proposta foi analisada e aceita com adaptações, tanto por estudiosos dos manuscritos que, em geral, admitiam a continuidade entre o manuscrito e o livro impresso, até por pesquisadores preocupados com as relações da história do livro com a história da ciência.⁸

Entretanto, no ‘circuito das comunicações’ de Darnton não são mencionados os ilustradores. Talvez por não trabalhar diretamente com o papel das imagens e de suas relações com os textos, o estudioso tenha representado os ilustradores entre os impressores que compõem nitidamente no diagrama que propôs.

Realmente, poucos são os trabalhos que se dedicam ao papel da imagem no registro e transmissão de conhecimentos. Por isso mesmo, deve-se reconhecer que, apesar de todas as críticas que se possa ter às visões de E. Eisenstein, essa estudiosa apontou vários aspectos que à época ainda não haviam sido pesquisados em profundidade no campo da história do livro, entre eles o papel das imagens. Nesse sentido, a autora destaca as contribuições de W. Ivins Jr. Com seu trabalho pioneiro sobre a imagem impressa como forma de registro e transmissão de informação visual, esse estudioso da história da arte contribuiu para se considerar as relações entre a circulação e a repetição exata de imagens na construção, difusão e estabelecimento de padrões visuais, fundamentais para a comunicação, a divulgação e a aceitação de ideias elaboradas sobre os processos da natureza e das artes.⁹

⁶Johns, *Nature of the Book*; Sandra Hindman, & James D. Farquhar, *Pen to Press: Illustrated Manuscripts and Printed Books in the First Century of Printing* (Maryland: The Johns Hopkins University, 1977); Roger Chartier, *A Ordem dos Livros* (Lisboa: Vega, 1997), 133-4

⁷Robert Darnton, *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), 113 (quadro).

⁸Sandra Hindman, ed., *Printing the Written Word: The Social History of Books, circa 1450-1520* (Ithaca: Cornell University Press, 1991), 5-6; Frasca-Spada & Jardine, 6.

⁹Elizabeth Eisenstein, “Some Conjectures about the Impact of Printing on Western Society and Thought: A Preliminary Report,” *Journal of Modern History* 60 (1968): 1-56; W. M. Ivins Jr., *Imagem Impresa y Conocimiento: Análisis de la Imagen Prefotográfica* (Barcelona: Gustavo Gili, 1975).

Assim, procuraremos aqui contribuir com esse debate, trazendo para a cena alguns aspectos da transformação da própria função da imagem e suas relações com o texto, no livro manuscrito e no impresso, focalizando particularmente os registros de conhecimentos sobre a natureza e as artes na primeira modernidade.

Primeiras imagens em livros impressos

À época em que a imprensa se generalizou na Europa, ou seja, em meados do século XV, já eram conhecidas técnicas de reprodução de imagens, particularmente a xilografia e a gravura em metal com buril. De modo geral, considera-se que a xilografia teve suas origens ligadas a ateliês de pintura, enquanto que a gravura em metal teria seu berço nas oficinas dos ourives.

Alguns dos primeiros livros impressos já traziam xilogravuras. Algumas apareciam no início do livro, como um adorno. Outras eram impressas junto com o texto, já que o bloco de madeira talhado em relevo, ajustava-se aos tipos móveis na composição das matrizes.

De certo modo, as xilogravuras incorporadas ao texto impresso, deram continuidade às iluminuras dos manuscritos.¹⁰ Mas, por outro lado, as possibilidades abertas por essa prática contribuíram para que os editores ampliassem o público, criando novos tipos de livros. Analisaremos, a seguir, algumas dessas possibilidades e seus desdobramentos.

Como já mencionado, os primeiros livros que saíram das prensas europeias não só seguiram o modelo dos manuscritos, como também os temas e títulos mais procurados. De fato, os primeiros editores davam preferência a imprimir textos para os quais já se tivesse público garantido, tal como era, por exemplo, o caso dos livros utilizados nas universidades. Isso pode ser entendido considerando que o estabelecimento de uma oficina de impressão envolvia um investimento alto. Era necessário comprar as prensas, os tipos, o papel e pagar mestres impressores, gravadores, compositores, bem como seus companheiros e aprendizes. Assim, os tipos de livros que tiveram maior número de impressões foram, em primeiro lugar, a Bíblia, em seguida os textos utilizados nas universidades, textos clássicos para humanistas, bem como livros dirigidos a públicos mais amplos, tais como romances de cavalaria, herbários, receituários medicinais populares, almanaques e prognósticos, os quais, em sua maior parte, traziam imagens.

Isso pode ser compreendido, levando-se em conta a tradição medieval do caráter didático da imagem que vem desde o século VI, com Gregório o Grande (540-604), e tem

¹⁰Maria Helena Roxo Beltran & Regiane A. C. Silva, "Abrindo os Primeiros Livros Impressos: Algumas Considerações sobre Cor e Forma," in *1º Fórum de Pesquisa Comunicação e Letras - Universidade Presbiteriana Mackenzie* (São Paulo: Editora Mackenzie, 2011), 780-92.

continuidade no *Didascalicon* de Hugo de São Vitor (sec. XII): imagens seriam os livros dos analfabetos, que à época constituíam a maioria da população.¹¹

Assim, a possibilidade de imprimir imagens ao longo dos textos, e a um preço bem mais baixo do que o de manuscritos iluminados, propiciou que os editores ampliassem o público do livro impresso com a inclusão de pessoas analfabetas ou semialfabetizadas. Tal iniciativa foi acompanhada pelo surgimento de novos tipos de livros, vários deles relacionados aos estudos da natureza e das artes, tais como livros de destilação, livros de plantas, animais e anatomia, tratados de mineração e metalurgia.

O papel da imagem nos livros sobre a natureza e as artes

Um dos tipos de textos concernentes a operações e reflexões sobre a matéria que tiveram sua publicação intensificada durante o século XVI, foram os livros de destilação. Esses livros propagaram a ideia de que as 'águas' obtidas pela destilação de matérias curativas há muito conhecidos (plantas, minerais e partes de animais) seriam mais eficazes do que os tradicionais chás e decocções. Esses livros impressos em vernáculo e fartamente ilustrados podiam tornar acessíveis esses conhecimentos a um grande público formado tanto por eruditos quanto por pessoas de poucas letras.¹² Afinal, como declarou Hieronymus Brunschwig (1450-1512), autor de um dos mais difundidos livros de destilação: "As imagens são festa para os olhos e auxílio para aqueles que não sabem ler ou escrever"¹³. Com isso, percebe-se a ainda forte presença da tradição medieval do caráter didático das imagens.

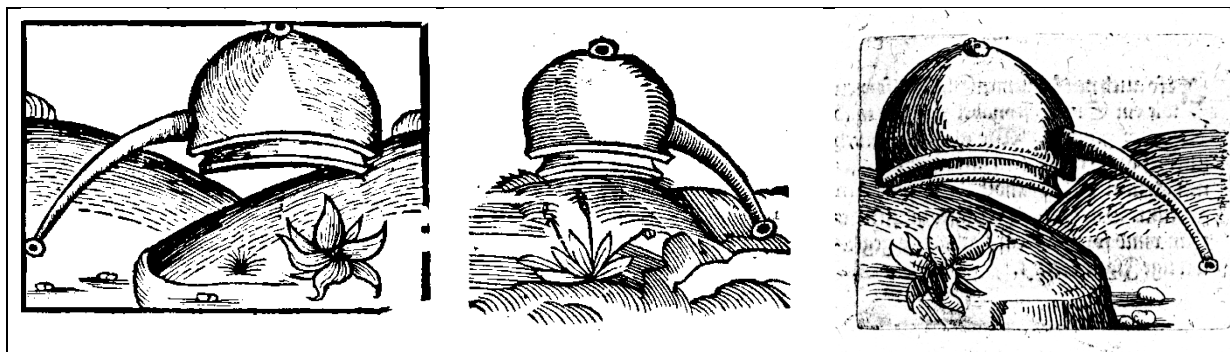
Analisando o *Liber de arte distillandi ...* de Brunschwig, pode-se perceber que certas imagens se repetem muitas vezes ao longo do texto. Isso indica que, de certa forma as imagens dirigiam o tipo de leitura realizada pelo público semialfabetizado ou mesmo, analfabeto. Mas, além dessa mobilidade entre as páginas de um mesmo livro, as mesmas imagens migraram para outras edições, que foram mais de cinquenta entre 1500 e 1610, ou seja, ao longo de um século inteiro.¹⁴ (Fig. 1)

¹¹Sachiko Kusakawa, "The Use of Pictures in the Formation of Learned Knowledge: The Cases of Leonhard Fuch sand Andreas Vesalius," in *Transmitting Knowledge: Words, Images and Instruments in Early Modern Europe*, ed. Sachiko Kusakawa, & Ian Maclean (Oxford: Oxford University Press, 2006), 73-96, e 76-7.

¹²Beltran, *Imagens de Magia*, 28-33,

¹³Hieronymus Brunschwig, *Liber de arte distillandi de simplicibus* (Strasburg: Gruninger, 1500), trecho traduzido em Agnes Arber, *Herbals, Their Origin and Evolution: A Chapter in the History of Botany* (Cambridge: Cambridge University Press, 1938), 201

¹⁴Sobre o conceito de migração de imagens, vide Beltran, *Imagens de Magia*, 47-60.

1. Imagens em H. Brunshwig, *Liber de arte destillandi*, 1512, 1532, 1610¹⁵

Levando ainda em conta que essas mesmas imagens foram também reproduzidas em livros de outros autores, pudemos concluir que a migração das imagens do livro de Brunshwig contribuiu para difundir padrões visuais para os aparatos destilatórios. Seria o início de um processo que, no início do século XX, viria a favorecer o alfabetismo científico e a codificação do desenho técnico.¹⁶

Outros tipos de livros que foram criados com a generalização da prensa de tipos móveis na Europa e que se valeram das facilidades de reprodução de imagens foram os textos do gênero *Historia*, dedicados à descrição de plantas e de animais.¹⁷ Seus autores, em geral eruditos ligados às tradições humanistas, procuravam complementar os conhecimentos dos antigos, apresentando nas páginas de suas obras descrições de plantas e animais provenientes das diversas regiões do mundo, incluindo aqueles encontrados nas novas terras descobertas, além daqueles já há muito conhecidos.

Um dos mais notáveis livros de plantas publicados na Europa do século XVI foi o *Historia Stirpium* de Leonhard Fuchs (1501-1566), publicado em Basileia no ano de 1542. Um dos aspectos que conferem destaque a esse livro é a identificação do pintor que fez os desenhos das plantas e do gravador que talhou as matrizes de madeira. Isso porque, àquela época, pintores e gravadores eram considerados artesãos e, diferentemente de hoje, não assinavam e nem reivindicavam a autoria de suas produções. Assim, o reconhecimento de Fuchs a esses artesãos indica a própria valorização das imagens que constam de seu livro¹⁸

Um outro aspecto que destaca essa obra é que as figuras das plantas não pretendem ser uma representação fiel, mas constituem verdadeiras abstrações, de modo a poder mostrar vários detalhes do mesmo vegetal. Assim, por exemplo, encontram-se nessa obra figuras apresentando partes da mesma planta em estágios diferentes de seu

¹⁵H. Brunshwig, *Liber de arte ditillandi de compositis...* (Strasburg: Gruninger, 1512, 1532; Ibid, in *Kräuterbuch Pedacii Dioscordis Anazarbaei...* (Frankfurt am Mayn: Gedruckt durch J. Bringern, in Verlegung C. Corthoys, 1610).

¹⁶Sobre alfabetismo científico, vide Gilson L. Queluz, *Concepções de Ensino Técnico na República Velha* (Curitiba: CEFET-PR, 2001).

¹⁷Kusukawa, 77-9

¹⁸Allen G. Debus, *El Hombre y la Naturaleza en el Renacimiento* (México: Fondo de Cultura Económica, 1996), 83-98.

desenvolvimento, o que seria impossível numa cópia fiel de um exemplar.¹⁹ Mesmo assim, encontram-se, nesse mesmo livro, algumas figuras nas quais transparecem limitações da técnica de gravura empregada.²⁰

Um outro livro de destaque que apareceu no século XVI foi a monumental *Historiæ animalium...* de Conrad Gesner (1516-1565), publicada em quatro volumes *in folio*, entre os anos de 1551 e 1557. Nessa obra, o erudito germânico, seguindo sua crença de que Deus havia semeado os conhecimentos entre as diferentes épocas e povos, procurou reunir todas as informações possíveis acerca dos animais conhecidos, bem como daqueles que só havia ouvido falar. A maioria das imagens de seu livro são extremamente detalhadas e sua confecção foi supervisionada pelo autor. Entre elas encontra-se, por exemplo, animais bem conhecidos como os galináceos, e aqueles sobre os quais ele só havia ouvido falar, como o unicórnio.²¹ (Fig. 2)

Fig. 2 Desenhos de animais, reais e fantásticos, em C. Gesner, *Historiæ animalium...*²²



¹⁹ Kusukawa, 77-81; Ivins Jr., 62-7

²⁰ Roxo Beltran, *Imagens de Magia*, 43-6

²¹ Maria Helena Roxo Beltran, "Conrad Gesner e as Fontes do *Thesaurus Euonymi Philatri*," in *Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia* (Rio de Janeiro: SBHC, 1997), 70-4.

²² Conrad Gesner, *Historiæ animalium* (Tiguri: C. Froschouerum, 1551-1587).

Também ao longo do século XVI foi publicado um outro tipo de livro que se valeu das imagens. De fato, tendo como propósito declarado pelos autores o desvelar dos segredos das artes dos metais, os chamados tratados técnicos renascentistas de mineração e metalurgia trazem em suas páginas cuidadosas descrições e figuras, mostrando as práticas envolvidas na extração e no refino dos metais – práticas tradicional e ciosamente guardadas nos grupos e corporações de mineradores e metalurgistas. Entretanto, estudos atuais que procuram analisar a generalização desses livros, mostraram que a necessidade de metais, naquele período, levaria à procura de modos de justificar o investimento de nobres e proprietários nas atividades mineiras, consideradas artes servis e, portanto, indignas de pessoas que tinham posses e títulos. Um desses modos de valorizar essas atividades foi a publicação desses livros sobre as artes dos metais.²³

De fato, esses livros procuram valorizar as artes da mineração e da metalurgia. Entretanto, o mesmo não podemos dizer quanto à intenção de desvelar os segredos dessas artes que os autores propalam em seus textos. Muitas das passagens, e mesmo das imagens descrevendo complexas operações, são simplificadas no livro, de modo a ser compreendidas apenas por leitores que tivessem intimidade com as operações focalizadas.²⁴

Isso pode ser notado até mesmo no famoso livro *De re metallica* (Basileia, 1556), escrito pelo médico humanista Georgius Agricola (1494-1555). Também preocupado em complementar as ideias dos antigos, Agricola propõe apresentar em seu livro, não apenas descrições precisas, mas também imagens detalhadas. Vale ressaltar que tal proposta é apresentada já no frontispício da obra, como reproduzido a seguir:

“De re metallica

Os doze livros de Georgius Agricola sobre mineração. Nos quais as Operações, os Instrumentos, as Máquinas, e tudo que pertence à mineração não só são lucidamente descritos, mas também colocados diante dos olhos [do leitor] na forma de figuras inseridas nos lugares apropriados, com seus nomes Latinos e germânicos, de forma que nada possa ser mais claramente transmitido.”²⁵

²³ Pamela Long, “The Openness of Knowledge: An Ideal and Its Context in 16th-Century Writings on Mining and Metallurgy,” *Technology and Culture* 32 (1991): 318-55.

²⁴ Maria Helena Roxo Beltran, “A Produção do Salitre ‘Diante dos Olhos’: Análise de Imagens e Tratados Renascentistas de Metalurgia,” in *Centenário Simão Mathias: Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência*, org. Ana M. Alfonso-Goldfarb et al. (São Paulo: PUC-SP, 2009), 225-36.

²⁵ Georgius Agricola, *De re metallica libri XII* (Basel: Froben, 1556), frontispício.

Considerações finais

As relações que procuramos mostrar entre a generalização do livro impresso na Europa e a criação de novos tipos de livros voltados a estudos sobre a natureza e as artes, mostram que as pesquisas na interface entre a história da ciência e história do livro podem ser bastante produtivas e que ainda há muito por fazer.

Procuramos, neste artigo, apresentar aspectos particulares ao papel das imagens em livros impressos durante o século XVI. Destacou-se a possibilidade de migração das imagens dentro de um mesmo livro, bem como nas diversas edições e mesmo em livros de outros autores. Assim, a reprodução exata das imagens, ao contrário de torná-las fixas, favoreceu sua mobilidade. A migração de imagens que, de início, servia para favorecer a compreensão do texto pelo público pouco letrado, viria a contribuir para a constituição de referências visuais e, mais tarde a uma linguagem visual e técnica codificada.

A reprodução exata de imagens também possibilitou a difusão de conhecimentos anteriormente restritos a certos grupos de estudiosos ou de artesãos, fornecendo informações visuais sobre plantas, animais e procedimentos técnicos. Entretanto, nesse processo havia lugar para a representação de seres idealizados enquanto abstrações, ou enquanto personificações de entes dos quais só se tinha ouvido falar. Havia também a possibilidade de, ao mesmo tempo, revelar e esconder os segredos de ofício.

Pensamos que estas reflexões sobre os primeiros livros impressos possam também servir para subsidiar as atuais discussões sobre o livro digital, numa época em que imagens digitais, fotos, projetos gráficos, design, são termos que permeiam nossa vivência diária. De fato, a visualidade, associada às chamadas novas tecnologias, tem papel marcante na sociedade atual. Até mesmo os livros tendem hoje a ser transformados de textos em imagens na forma de e-books. Textos também são transformados em imagens digitais divulgadas ampla e globalmente pela Internet.

Entretanto, novas formas de leitura não têm sido propostas e exploradas no ambiente virtual. Ao contrário, o que se percebe atualmente é, até mesmo, o fortalecimento de tradicionais formas e funções atribuídas ao livro em papel. Com as telas, parece que apenas o suporte do texto se modificou. De fato, poucos são os textos virtuais que se utilizam dos diversos e interessantes recursos da informática. Na grande maioria dos casos, os textos em tela foram digitalizados a partir de textos em papel e um dos recursos mais valorizados da leitura em tela é a simples busca de termos selecionados pelo leitor. Mas, apesar dessa e também da grande e indiscutível vantagem da capacidade de armazenamento, os textos virtuais parecem propostos a agradar aos leitores contemplativos, meditativos.²⁶ Enfim, as formas que ainda predominam na nova técnica digital do livro limitam-se a reproduzir

²⁶Lucia Santaella, *Navegar no Ciberespaço: O Perfil Cognitivo do Leitor Imersivo* (São Paulo: Paulus, 2004).

realizações e possibilidades do livro impresso, o qual supostamente viria ser suplantado, num processo semelhante ao que, como vimos, ocorreu quando da generalização do uso da prensa de tipos móveis na Europa.